

# A concepção de cultura e o trabalho com o texto literário: a leitura como exercício de alteridade

Íris Vitória Pires Lisboa\*

*Também se goza por influência  
dos lábios que narram.*

Machado de Assis, *Dom Casmurro*

**Resumo:** Entendendo cultura como o compartilhamento de sentidos entre os sujeitos sociais, reforça-se o seu caráter plural e transformador e insere-se o conceito de alteridade na literatura. Objetiva-se identificar elementos da interdiscursividade em *Um sonho de simplicidade*, de Rubem Braga (2006), pois, pelo caráter dialógico dos textos (BAKHTIN, 1986), a linguagem carrega outras vozes além daquela de seu enunciador. A leitura do texto literário, assim, oportuniza que o leitor perceba a si mesmo, identificando suas diferenças em relação ao outro.

**Palavras-chave:** Cultura. Crônica. Alteridade.

**Abstract:** Understanding culture as the sharing of meanings between social subjects, its plural and transformative character is reinforced and the concept of otherness is inserted in the literature. The objective is to identify elements of interdiscursivity in *A dream of simplicity*, by Rubem Braga (2006), because, due to the dialogical character of the texts (BAKHTIN, 1986), language carries other voices besides that of its enunciator. Reading the literary text, thus, allows the reader to perceive himself, identifying his differences in relation to the other.

**Keywords:** Culture. Chronic. Alterity.

**Resumen:** Entendiendo la cultura como el compartir significados entre sujetos sociales, su carácter plural y transformador se refuerza y el concepto de alteridad se inserta en la literatura. El objetivo es identificar elementos de interdiscursividad en *Un sueño de simplicidad*, de Rubem Braga (2006), porque, debido al carácter dialógico de los textos (BAKHTIN, 1986), el lenguaje lleva otras voces además de la de su enunciador. Leer el texto literario, por lo tanto, permite al lector percibirse a sí mismo, identificando sus diferencias en relación con el otro.

**Palabras clave:** Cultura. Crónico. Alteridad.

A epígrafe que abre este estudo, transcrita da obra-prima do imortal bruxo de Cosme Velho, *Dom Casmurro*, refere-se ao pensamento do jovem Bento Santiago em

---

\* Professora de Língua Portuguesa e Literatura na Fundação Liberato (NH/RS). Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais (Feevale/RS). <http://orcid.org/0000-0002-9245-4442>



relação à prima Justina, que atentamente ouve suas narrações sobre Capitu. Em suas palavras está presente uma das possibilidades do texto literário: a *ressurreição*, por meio das sensações alheias, das nossas próprias (ASSIS, 2015). Olhar para si mesmo a partir de uma obra da literatura é um significativo exercício de alteridade, pois o leitor tem a possibilidade de conhecer universos e vivências diferentes e, pelo cotejo entre as suas experiências de vida e as do outro, percebe-se como indivíduo social pertencente a uma cultura.

A ideia de alteridade, portanto, envolve a construção da identidade individual e de um sentimento de pertença, uma vez que fazer parte de uma cultura é compartilhar de uma mesma interpretação de mundo. De acordo com Todorov (2003, p. 3),

Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um *eu* também, sujeito como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão *lá* e eu estou só *aqui*, pode realmente separá-los e distingui-los de mim. Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a *mim*.

Em consonância com as reflexões do autor sobre alteridade, a descoberta do outro e de si mesmo ocorre pelas práticas sociais, na interação entre os indivíduos, experiência em que se compartilham e se contrastam pontos de vista. A maneira como o sujeito se coloca diante do outro permite que ele perceba suas próprias singularidades e, ao mesmo tempo, identifique traços do outro em si mesmo. Constituir-se como indivíduo pressupõe entender que há algo do outro em si, assim como algo de si nos outros.

Essa espécie de comutação caracteriza também o processo cultural, que é, na sociedade contemporânea, dinâmico e volátil. Os sistemas de crença, os códigos de ética e de emoções e os padrões de conduta são elementos de uma cultura e interferem nas visões de mundo compartilhadas em determinado grupo social. Nessa perspectiva, destaca-se a comunicação, visto que a linguagem humana é um produto da cultura. Se o homem não tivesse a capacidade de articular a comunicação oral, não haveria cultura. Hall (2016, p. 42) conceitua cultura como “sistemas de linguagem compartilhada e códigos que governam as relações de tradução entre eles”. De acordo com essa assertiva, o fato de um indivíduo compreender o que é dito e saber selecionar a linguagem que

deve usar para que seja compreendido permite que os sentidos sejam “efetivamente comunicados dentro de uma cultura” (HALL, 2016, p. 42), indicando que a produção de sentidos pela linguagem e os processos culturais de um grupo social são determinados pelas experiências comunicativas entre os sujeitos.

Pertencer a uma cultura é pertencer, grosso modo, ao mesmo universo conceitual e linguístico, saber como conceitos e ideias se traduzem em diferentes linguagens e como a linguagem pode ser interpretada para se referir ao mundo ou para servir de referência a ele. Compartilhar esses aspectos é enxergar o mundo pelo mesmo mapa conceitual e extrair sentido dele pelos mesmos sistemas de linguagem (HALL, 2016, p. 43).

Conforme o autor, entende-se que falar de linguagem é falar de todas as manifestações da língua em sociedade. Dentre essas manifestações está a literatura, que funciona como uma lente pela qual o sujeito vê o mundo e a si próprio: “[...] na vida real, não temos condições de ‘conhecer’ tantas pessoas, com tanta intimidade; [lemos] porque precisamos nos conhecer melhor; porque necessitamos de conhecimento, não apenas de terceiros e de nós mesmos, mas das coisas da vida” (BLOOM, 2001, p. 25). A literatura intervém nos processos culturais de uma comunidade na medida em que democratiza os sentidos construídos ao longo da história humana, apresentando novas formas de estar no mundo e de percebê-lo, por conta do olhar do leitor que é direcionado ora para o texto, ora para dentro de si mesmo.

O objetivo desta discussão origina-se, portanto, da ideia de interação e de compartilhamento de sentidos que constituem a cultura de uma comunidade, entendendo a literatura como um significativo mecanismo de uso da linguagem, pela qual o sujeito também se constrói como ser social.

### **Sobre a concepção de cultura**

*O senhor... Mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou.*

O fato de estar em constante transformação norteia a ideia de cultura à qual se lança mão nesta investigação teórica. Todo indivíduo passa, ao longo de sua vida, por uma constante sucessão de eventos que influenciam sua maneira de pensar e agir, fazendo com que ele se perceba em constante variação. Essa variedade é o que transforma a discussão sobre cultura em uma importante ferramenta de combate ao preconceito, pois desmistifica o discurso sobre uma cultura única, de prestígio, perpetuada de geração a geração sem que haja modificações. Cultura envolve a noção de algo ainda não acabado, que está “sempre mudando”, assim como expressou Riobaldo, protagonista de *Grande Sertão: Veredas* (1994).

A preocupação a respeito do processo cultural nas sociedades contemporâneas surgiu quando se ampliaram os contatos entre os povos. O objetivo era compreender como ocorriam as novas configurações sociais e o que desaparecia em termos culturais a partir das novas interações. O início dos estudos sobre cultura, de acordo com Santos (1987, p. 23), já pressupõe o conceito de diversidade e tem como objetivo “[...] consolidar as modernas preocupações com cultura, procurando dar conta sistematicamente de uma diversidade de maneiras de viver que já havia sido motivo de reflexão por séculos”. É no decorrer dos processos históricos civilizatórios que se configuram as construções humanas, e é nesse sentido que se aborda o conceito de cultura na perspectiva aqui apresentada.

Ainda de acordo com Santos (1987, p. 26),

[...] a moderna preocupação com cultura nasceu associada tanto a necessidades do conhecimento quanto às realidades da dominação política. Ela faz parte tanto da história do desenvolvimento científico quanto da história das relações internacionais de poder. Esta é uma relação muito íntima. De fato, o próprio entendimento moderno do que seja uma nação tem muito a ver com as discussões sobre cultura.

Cultura envolve poder, desejos e necessidades, conforme aponta Santos (1987). Ela não se resume a nenhum desses elementos, mas os integra em sua própria

constituição. As discussões sobre cultura surgem ao mesmo tempo em que se formam as nações modernas, as classes sociais e o mercado internacional; “[...] surgiram assim associadas tanto ao progresso da sociedade e do conhecimento quanto a novas formas de dominação” (SANTOS, 1987, p. 66).

Dentre as diferentes concepções de cultura, outra perspectiva possível para discussão é apresentada por Homi Bhabha (1998), crítico teórico e professor de literatura, que discute a noção de cultura sob o viés do hibridismo cultural. Conforme defende, cultura é um processo híbrido, produtivo, dinâmico, em constante transformação. Nas “travessias” e “pontos de negociação” é que se constroem as formações culturais e as identidades dos indivíduos. Para o professor Bhabha (1998, p. 120),

Os sujeitos do discurso são construídos dentro de um aparato de poder que contém, nos dois sentidos da palavra, um “outro” saber – um saber que é retido e fetichista e circula através do discurso colonial como aquela forma limitada de alteridade que denominei estereótipo [...].

O estereótipo representa uma simplificação da realidade, cujos objetos são generalizados na representação que se faz deles, o que justifica a ideia de uma “limitada alteridade”. Em outras palavras, o olhar que se tem sobre o “outro” não condiz com o real, mas com uma representação, por vezes falsa; ao mesmo tempo em que a visão que o sujeito tem de si não é de fato verdadeira, mas filtrada pela representação que o outro faz dele.

Para o processo cultural isso é muito significativo: por ser um processo dinâmico, a cultura é engendrada por esses “olhares”, representações e estereótipos. É justamente nesses intercâmbios que se compartilham os sentidos construídos pela prática social.

A análise do autor a respeito da concepção de cultura baseia-se, portanto, na perspectiva da troca, como uma espécie de mutualismo, em que o sujeito, na interação que mantém com “um outro”, se transforma; e essa transformação age igualmente no meio cultural em que ambos se encontram. Para Bhabha (1998), as transformações e subjetividades que marcam as diferenças entre os sujeitos são positivas para o seu reconhecimento como alguém pertencente a uma cultura, pois, ao se valorizar a

alteridade, isto é, aquilo que distingue um sujeito de outro, estimulam-se a circulação e a articulação dos significantes que vêm a constituir a história cultural de uma nação.

Os estudos de Frantz Fanon (2008) apoiam as reflexões de Homi Bhabha. Para Fanon (2008), a linguagem tem fundamental presença na construção da alteridade, uma vez que, ao adotar uma linguagem, adotamos, também, “o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito” (FANON, 2008, p. 34). O autor, ao tratar da psicanálise da colonização, afirma que a linguagem é um mecanismo de identidade cultural, pois, por meio dela, o sujeito identifica o outro e constrói a representação sobre si mesmo.

Fanon (2008, p. 33) afirma que “falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização”. Pela linguagem, o ser humano atribui sentido às coisas do mundo e o compartilha em suas práticas cotidianas. Essa ideia dialoga com o que Hall (2016) desenvolve em seu estudo sobre representação e respalda a relação da linguagem com os processos culturais.

Na perspectiva apontada por este estudo, cultura, alteridade e linguagem são conceitos entrelaçados que atuam na construção do sujeito social e na cultura de um povo. Na sequência desta discussão, soma-se a esses pressupostos o conceito de literatura como exercício de alteridade.

### **Eu e o outro: um encontro possível no texto literário**

*Dentro de nós há uma coisa que não tem nome,  
essa coisa é o que somos.  
José Saramago, Ensaio sobre a cegueira*

A dificuldade que o indivíduo tem de se autodefinir é expressa nas palavras do grande autor português e remete, em determinados pontos, ao que se entende por cultura. Saber definir-se como sujeito social não é tarefa fácil, tanto pelo caráter híbrido apresentado por Bhabha (1998), quanto pelas possibilidades de representação que cada

indivíduo estabelece, como considera Hall (2016), ou ainda pela adoção de um modo de ser por meio da linguagem em uso, como defende Fanon (2008). Mesmo que o sujeito não esteja “cego”, como ocorre em *Ensaio sobre a cegueira* (2014), a impossibilidade de “enxergar-se” completamente parece ser uma herança cultural.

Não há como se referir a uma única identidade: o ser são vários. Isso porque são várias as situações em que o sujeito se posiciona; porque são várias suas intenções e desejos; porque são vários os outros seres com quem interage. A construção do sujeito e de sua identidade processa-se nos papéis que este assume em suas práticas sociais. A identidade, conforme Kathryn Woodward (2014), é relacional e marcada pela diferença: ser alguém é não ser outra coisa senão esse alguém, com determinada constituição. Essa identidade tem contornos materiais, uma vez que é manifestada pelo corpo físico em si e pela escolha das roupas, dos objetos de consumo em geral. A autora também afirma que a identidade do sujeito tem uma especificidade histórica, pois há um resgate do passado para a construção identitária, responsável por produzir novas identidades.

Nessa perspectiva, entende-se que o sujeito se constitui nos sistemas de representação sociais, determinados pelas relações de poder:

Pode-se levantar questões sobre o poder da representação e sobre como e por que alguns significados são preferidos relativamente a outros. Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade [...] (WOODWARD, 2014, p. 19).

Cada sujeito está “diferentemente posicionado” e isso determina sua conduta com os demais. É possível, inclusive, que essas diferentes identidades entrem em conflito se consideradas as exigências de um ou outro papel social, como é o exemplo dos papéis de mãe e profissional assumidos por grande parte das mulheres.

Outro conceito importante que se relaciona ao estudo da identidade, proposto por Kathryn Woodward (2014), é o conceito de *diferença*. Para a autora, as diferenças participam da construção da identidade e podem assumir um caráter positivo ou negativo. Positivo se considerarmos a diferença como fonte de diversidade, a que tanto

se faz alusão nos movimentos sociais atualmente; negativo se relacionada à exclusão. Nessa perspectiva, considerar a diferença na construção identitária é legitimar, mais uma vez, as relações de poder na constituição dos sujeitos, pois são elas que subjazem às escolhas e posicionamentos do sujeito.

Essa inconstância que leva à imprecisão das identidades, caracterizada como *fluidez* por Baumann (2001), sugere um contínuo transformar-se, um estímulo ao “derretimento de velhas formas” para uma adaptação em novos moldes, cujo resultado é a modernidade muito mais individualizada, na qual os sujeitos são os únicos responsáveis pelo fracasso ou pelo sucesso que conquistam. Tratar de cultura na modernidade envolve, novamente, a noção de pluralidade, transformação e autonomia do sujeito, o que supõe a análise das relações de poder.

Nesse sentido, o texto literário permite que se façam algumas considerações sobre o seu papel no exercício da alteridade, por meio do qual o sujeito se constrói como ser social. Inicialmente é preciso destacar a dimensão estrutural do texto literário, isto é, a organização da palavra. É ela que valida o caráter literário do texto, pois, sem o trabalho na esfera textual, não há literatura. O conteúdo do texto só atua no sujeito por conta da forma. De acordo com Antônio Cândido (2004), a literatura *humaniza*: ela confirma os traços essenciais do homem pelo exercício da reflexão, pela aquisição do saber, pelo afinamento das emoções, pelo estímulo à bondade com o próximo, pelo despertar do senso de beleza, pela percepção do humor. Para o autor,

[...] ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Neste sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar. Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles (CÂNDIDO, 2004, p. 175).

Ao atuar no subconsciente e no inconsciente, como sustenta o autor, a literatura sensibiliza o sujeito para que ele perceba não só o mundo a sua volta e toda a sua complexidade, mas a si próprio, a sua complexidade e a sua inconstância.

A linguagem literária apresenta uma forma específica de constituição dentro do sistema da língua. Bakhtin (1986), ao tratar do sistema linguístico, no que se refere à enunciação, afirma que esse sistema se organiza a partir de uma reflexão sobre a língua e que não é dado, natural ao falante:

Para ele [o locutor], o centro da gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. O que importa não é o aspecto da forma linguística que, em qualquer caso em que esta é utilizada, permanece sempre idêntico. Não; para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada (BAKHTIN, 1986, p. 92-93).

O receptor, por sua vez, também tem interesse no signo enquanto forma linguística variável e flexível e seu esforço é realizado com o propósito de compreender os enunciados em contextos concretos, particulares, como o da literatura.

Nesse sentido, o texto literário pode ser visto como uma esfera particular de configuração do signo linguístico, isto é, a palavra recebe tratamento estético para expressar determinados sentidos por parte do locutor e passa por um processo de compreensão pelo ato da leitura que pode dar ao signo outra variável de sentido. Essa flexibilidade vista na literatura confirma a possibilidade de o leitor se deparar com novos sentidos representados para aquilo que vivencia, o que provoca a reflexão sobre a sua própria forma de ver o mundo.

Outro conceito bakhtiniano importante ao se falar do texto literário é a noção de dialogismo, entendido aqui como uma espécie de polifonia fortemente marcada nas manifestações literárias. Relaciona-se a isso o conceito de alteridade, foco desta discussão. Para Samoyault (2008, p. 20), “a noção de alteridade é decisiva para estabelecer esse movimento dos textos, esse movimento da linguagem que carrega outras palavras, as palavras dos outros”. Para a autora, que se baseia no dialogismo de Bakhtin, todo enunciado carrega em si diferentes vozes e por elas se constitui, alterando-as, acrescentando-lhes novos sentidos. Na verdade, entende-se a polifonia como uma propriedade de qualquer discurso, uma vez que todo enunciado remete a outras construções discursivas, de maneira explícita ou não.

Marcuschi (2008) retoma de Authier-Revuz a classificação das heterogeneidades em um texto: *heterogeneidade mostrada* (presença de um discurso em outro, de maneira identificável) e *heterogeneidade constitutiva* (o discurso é dominado pelo interdiscurso, em um diálogo interno, sem marcações). Na produção literária, tanto o autor dialoga com seus personagens, quanto os personagens dialogam com o leitor: ninguém fica imune a essa comunhão que o texto literário permite. E ninguém consegue se esquivar das transformações que o contato com o universo do outro provoca: assim como ocorre na literatura, em que o diálogo com outras vozes altera sentidos e percepções a partir da materialidade textual, o sujeito leitor não é o mesmo após o contato com o texto literário.

Como amostra da abordagem que problematiza as noções de cultura, literatura e alteridade, optou-se por analisar elementos do discurso literário, em especial a noção de dialogismo e de polifonia, na crônica *Um sonho de simplicidade*, de Rubem Braga (2006), com o objetivo de identificar elementos da interdiscursividade no texto.

A escolha pela crônica como gênero textual para esta verificação se justifica pelo fato de ser esse o gênero da literatura que mantém uma explícita relação com o cotidiano do indivíduo, expressando em sua constituição aspectos do momento histórico em que o texto se situa, assim como as concepções culturais que a contextualizam.

Como o próprio título da crônica já anuncia, seu conteúdo gira em torno de um devaneio do narrador sobre a possibilidade de viver uma realidade diferente, em que algumas situações do seu dia a dia são reelaboradas em termos de significado e outras são substituídas por novas experiências.

A vida bem poderia ser mais simples. Precisamos de uma casa, comida, uma simples mulher, que mais? Que se possa andar limpo e não ter fome, nem sede, nem frio. Para que beber tanta coisa gelada? Antes eu tomava a água fresca da talha, e a água era boa. E quando precisava de um pouco de evasão, meu trago de cachaça (BRAGA, 2006, p. 401).

Nos “repentes” que assaltam o narrador em meio a sua faina de todo dia, suas manias são questionadas; algumas singelas providências, como comprar uma gravata, são provocações para que se avalie o sentido das ações cotidianas. Na verdade, o cronista abre parênteses na sua rotina para olhar de outra maneira a si mesmo. Nesse exercício, examina as razões para o que vem fazendo de forma quase automática em seu trabalho

e em sua vida pessoal. São momentos de extrema lucidez que o levam a olhar para dentro de si mesmo em busca de um sentido para tudo que vive.

O narrador considera que, para se viver de forma simples, como ele imaginara, seria preciso alterar outros comportamentos, ligados à subsistência humana, ao “ganhar a vida de outro jeito”: seria necessário cansar o corpo, mas manter a “alma sossegada e limpa”. Em seguida, no final da crônica, ele afirma que “todo mundo, com certeza, tem de repente um sonho assim”, o que mostra a universalidade de seus pensamentos e a relação com elementos da sua cultura.

Considerando os aspectos que interessam de forma mais particular a este estudo, destacam-se os seguintes: a) a crônica de Rubem Braga é um intertexto, pois contém elementos de discursos recorrentes na sociedade urbana e industrializada, como a necessidade de evasão, de fuga da turbulência diária para um espaço/momento de paz, em que o valor das coisas materiais não tenha relevância; b) as diversas interrogações feitas pelo narrador sugerem uma interlocução com o leitor e caracterizam a relação dialógica se considerada a dimensão texto/leitor; c) a memória atua como elemento organizador das necessidades e desejos do narrador, construindo sua identidade no texto à medida que resgata narrativas sobre as experiências que ele deseja repetir; d) ao afirmar que “Todo mundo, com certeza, tem de repente um sonho assim”, o cronista aproxima o universo do texto ao do leitor, o que provoca uma forte identificação do sujeito leitor com a obra literária, em uma relação dialógica.

São vários os pontos possíveis de discussão a respeito da ideia de cultura, alteridade e dialogismo em função do trabalho com o texto literário e essa pauta não se esgota em um breve artigo como este. A intenção foi apontar possibilidades de abordagem do texto literário, elevando-o a outro patamar, em função do exercício de alteridade que a literatura permite desenvolver.

## **Considerações finais**

*Não pode haver ausência de boca nas palavras: nenhuma*

*fique desamparada do ser que a revelou.*  
Manuel de Barros, *O livro sobre nada*

O poeta Manuel de Barros (2016) traduz, em seus versos, a questão da não neutralidade na linguagem: não há como separar a palavra, ou aquilo que é dito, de quem a proferiu. Todo enunciado é uma produção social, por isso é permeada de subjetividades. Da mesma forma, considerando-se a relação da língua com os fatores externos a ela, entende-se o processo dialógico como resultado da produção de um discurso construído em função das interações comunicativas entre os sujeitos. Um discurso nunca é uma produção individual, pois é da natureza do enunciado a presença de elementos históricos, culturais e ideológicos que o constituem.

O dialogismo é um fenômeno que abarca muito mais do que a transcrição de diálogos ou citações e não precisa ser explícita a relação com outros textos. A relação dialógica se manifesta por meio da interação verbal entre locutor e receptor do texto e por meio da intertextualidade na constituição textual. Um texto é construído a partir de outras vozes, outras maneiras de se posicionar diante dos fatos do mundo, que podem ser de concordância, discordância, acréscimo, assim como ocorre na construção dos enunciados em qualquer situação de diálogo no dia a dia das pessoas.

Esta discussão ancora-se na ideia de alteridade, desenvolvida pela leitura do texto literário, e sustenta que é por meio da relação dialógica presente em toda a produção verbal que o leitor consegue perceber a si mesmo, identificando suas diferenças em relação ao outro. Sustenta, ainda, que o texto literário é instrumento riquíssimo de subjetividades e diversidades e contribui, portanto, com a atitude de valorização de uma cultura plural e de respeito ao diferente, atitude tão necessária nos tempos presentes.

## Referências

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Porto Alegre: L&PM, 2015.

- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitc, 1986.
- BARROS, Manuel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. Prefácio: Ser Leve e Líquido. In: \_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 7-22.
- BHABHA, Homi. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: \_\_\_\_\_. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1988. p. 105-128.
- BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.
- FANON, Frantz. O negro e a linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 33-52.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. São Paulo: Hucitc, 2008.
- SANTOS, José Luis dos. *O que é cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- TODOROV, Tzvetan. A descoberta da América In: \_\_\_\_\_. *A conquista da América: a questão do outro*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 3-46.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 14 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014, p. 7-72.

**Recebido em 19/05/2020.**

**Aprovado em 20/06/2020.**